

Introdução

O tema da criatividade é almejado pela psicanálise desde seus primórdios. Outeiral (2002) cita exemplos de autores diversos, inclusive o próprio, que se engajam no tema da criação artística - num dado momento ou ao longo de toda sua obra - a fim de compreender o funcionamento psíquico; ou, contrariamente, utilizando os princípios psicanalíticos com o intuito de apreender o processo criativo; ou ainda, utilizando exemplos artísticos para fins ilustrativos.

Dentre eles podemos aludir os próprios trabalhos freudianos sobre a criação artística: ‘A Gradiva de Jensen’ (1907), ‘Escritores criativos e devaneio’ (1908 [1907]), ‘Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância’ (1910), ‘O Moisés de Michelangelo’ (1914) e ‘Dostoiévski e o Parricídio’ (1928). Contudo, esses diversos estudos frequentemente abordam o tema da criatividade privilegiando o ato criativo em termos sublimatórios.

A criatividade tornou-se tema de nosso estudo, a partir da indagação que tivemos, ao nos depararmos com a concepção de defesa como processo criativo. Percebemos que essa compreensão está presente nas obras de diversos autores psicanalíticos, talvez, sua maciça maioria. A idéia da criatividade como uma forma de expressão defensiva, muito sofisticada, mas, ainda assim, defensiva, nos surpreendeu e, com isso, nossa curiosidade foi aguçada. Não convencidos por essa perspectiva, procuramos estudar certos aspectos da obra de Winnicott que rompem com esse enfoque.

Procuramos, portanto, investigar teoricamente o tema da criatividade e sua implicação na constituição psíquica humana a partir das obras de S. Freud e D.W. Winnicott, viabilizando uma comparação entre elas.

Apoiamo-nos na idéia, contida em Souza (2003), de que na obra freudiana todo funcionamento psíquico pode ser compreendido em termos de defesa. A criatividade é aquilo do aparelho psíquico que versa sobre a escolha estritamente pessoal de um determinado mecanismo de defesa, ao invés de outros quaisquer. Assim sendo, procuramos, num primeiro momento, examinar a defesa como processo criativo, encontrada ao longo da obra freudiana, retomada e reformulada pela maioria dos autores psicanalíticos. Dentre eles, citamos: Lacan, Bion, Laplanche, Klein etc. apenas a título de curiosidade. Não

procuraremos explorá-los, embora, a menção à obra de alguns desses tenha sido feita nesse trabalho.

No primeiro capítulo procuramos contextualizar a defesa como processo criativo. Para isso, estudamos, a partir das contribuições metapsicológicas, a estrutura e funcionamento psíquico. Em seguida, examinamos a formação do processo de pensamento e a capacidade criativa. Esta última foi descrita como sendo tudo aquilo que o aparelho psíquico pode produzir. Logo após, nos debruçamos sobre o mecanismo do recalque e suas particularidades e, com isso, a distinção entre recalque de defesa fez-se necessária. Posteriormente, estudamos a sublimação como uma modalidade defensiva. A defesa é o primeiro tópico de discordância com Winnicott.

No segundo capítulo, abordamos a imprecisão do conceito sublimatório, anunciamos diversos problemas e procuramos nos atentar a eles. Distanciamos cada vez mais de qualquer discussão estética - essa, definitivamente, não foi nosso objeto de estudo. Seguimos com as primeiras acepções freudianas sobre o tema e chegamos à criatividade no viés cultural. Vimos que alguns artistas, talvez sua maioria, que têm dificuldade de relacionar-se com o mundo, com um ego frágil, seriam recompensados narcisicamente através da valorização de sua obra. Percebemos ser este outro tópico de desavença com Winnicott. Estudamos a obrigatoriedade das mudanças objetais, impostas pela sublimação. Vimos que os atos criativos são meios inovadores de convivência consigo mesmo e em sociedade, que irrompem do humano sua expressão social, cultural, política, artística etc.

Entretanto, a experiência psíquica não está atrelada ao processo defensivo para outros autores, dentre eles: Sándor Ferenczi, Michael Balint e Donald Woods Winnicott. Esses descrevem o início da experiência psíquica como pré-subjetivo, dando-se através da indiferenciação sujeito/ambiente. Portanto, não há motivo, na saúde, para o sujeito se defender contra o ambiente. Ainda que meramente mencionados, vale ressaltar que Ferenczi e Balint têm importância inquestionável nas suas distintas acepções teórico-clínicas; contudo, apenas estudamos detidamente certos aspectos da obra winnicottiana.

No terceiro capítulo, procuramos estudar o início do psiquismo como um estado indiferenciado, fora dos moldes defensivos. Logo em seguida, percebemos que Winnicott recusa o aspecto conflitivo humano e, com isso,

aponta para uma ruptura teórico-clínica de vasta amplitude. Subseqüentemente, Winnicott assevera o enfoque criativo anunciado na proposição universal do “viver Criativo”, certificando assim, outro prisma contemplativo da experiência. Examinamos o estado indiferenciado no início do psiquismo humano.

Finalmente, procuramos registrar o viver criativo nas áreas da experiência psíquica e do âmbito cultural. Para isso, chegamos à dinâmica transicional, momento em que o bebê transita num mundo intermediário da experiência. Nesse ponto precário em que os objetos não são nem subjetiva, nem objetivamente percebidos - entre o incentivo ambiental e seus empecilhos, entre a ausência e presença – é que se instaura a capacidade para a brincadeira. Na área compartilhada das experiências culturais, “a terceira área”, procuramos averiguar os reflexos do viver criativo na estruturação psíquica.

Ao longo da dissertação, procuramos construir subsídios teóricos que justifiquem o diálogo proposto a partir das obras de Freud e Winnicott, ordená-los conforme a pertinência dos conteúdos e do desencadeamento de idéias. Não nos detivemos a obedecer uma ordem cronológica, embora esta, seja permanentemente respeitada no que diz respeito às mudanças e variações - caso haja - nas obras dos respectivos autores. Procuramos, talvez, por excesso de prudência, remeter-nos incessantemente às referidas obras de tais autores, com intuito de asseverar nosso pressuposto e, conseqüentemente, contrapô-las.